



Em Busca do Texto Acessível no Jornal Pastoral da Criança¹

Cristiane Oliveira Reimberg²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Esse artigo pretende analisar o trabalho de comunicação da Pastoral da Criança a partir de conceitos sobre a leitura. O intuito é avaliar se o material produzido pela entidade é acessível a leitores pouco proficientes. Assim, pretende-se ver aspectos positivos e negativos, contribuindo para construção do texto acessível no Jornal Pastoral da Criança. Essa publicação mensal tem uma tiragem de 280 mil exemplares, que são distribuídos para os voluntários que atuam na Pastoral da Criança. Entidade que acompanha uma média mensal de 1.901.433 crianças menores de 6 anos.

Palavras-chave: Comunicação Popular; Pastoral da Criança; Texto Acessível.

1. Pastoral da Criança e Comunicação

A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) da Igreja Católica e está presente em 4.063 municípios de todos os estados brasileiros. A entidade acompanha uma média mensal de 1.901.433 crianças menores de 6 anos. Atuante em todas as 263 dioceses da Igreja Católica no país, a Pastoral não consegue atingir todas as paróquias. Alcança 64% do total, o que equivale a 6.417 paróquias. São 42.020 comunidades acompanhadas por 266.954 voluntários. Isso possibilita que 1.457.473 famílias sejam acompanhadas mensalmente assim como 96.896 gestantes.³

Nas comunidades pobres onde a Pastoral da Criança atua, a mortalidade infantil é de 13 mortes a cada mil crianças nascidas vivas, segundo dados da entidade. Isso representa quase a metade da média nacional, que é de 26 mortes por mil, de acordo com dados do IBGE 2003. Os voluntários são movidos por um lema, que existe desde o surgimento da entidade: “para que todas as crianças tenham vida em abundância”. Para FAXINA (2001, p. 116), o lema parece funcionar como uma espécie de imaginário coletivo capaz de influir na mobilização. Além de contar com trabalho voluntário, a Pastoral depende de doações para sobreviver. Parcerias presentes desde o início da organização nos anos 80, tornam-se a realidade de várias entidades a partir dos anos 90.

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Mestranda do curso de Ciências da Comunicação da ECA/USP, e-mail: crisreim@uol.com.br

³ Números fornecidos pela própria entidade em seu site: www.pastoraldacrianca.com.br e em cartaz produzido em 2007 com os principais resultados da entidade.



Os movimentos, que antes negavam tudo que viesse do governo, começaram a aceitar a idéia de discutir com ele. Foram, assim, abrindo espaço no interior do Estado, que passou a reconhecê-los como interlocutores e a mostrar-se mais sensível às reivindicações. Com isso, tornou-se mais candente a necessidade de formação, agora especializada, com vistas à competência para negociar melhor, propor e debater questões e programas públicos, numa relação de igualdade entre as partes. (PERUZZO, 1998, p.42)

Percebe-se na lista de doadores da Pastoral da Criança a forte presença de recursos governamentais e em menor escala de recursos de empresas privadas⁴. Foram recebidos R\$ 37.705.111,00 em recursos financeiros, de 01/10/2006 a 30/09/2007.

A Pastoral da Criança criou uma rede de comunicação própria como uma forma de viabilizar todos os trabalhos que realiza. Ela é uma alternativa para formar, informar e educar líderes comunitários e familiares atendidos pela Pastoral. Segundo FAXINA (2001, p.213-220), os veículos de comunicação da Pastoral foram criados “para dinamizar e tornar mais ágil a comunicação com seu público interno, disperso por mais de 3 mil municípios⁵ em todos os estados brasileiros”. O autor explica que o principal desafio dos veículos produzidos – jornal, programa de rádio e vídeos – é manter um perfil popular, o que é quase um contra-senso, já que eles têm abrangência nacional.

Em nosso estudo, avaliaremos o jornal da entidade. Ele tem vários desafios. Manter uma comunicação popular para os mais de 260 mil voluntários. Essas pessoas vivem em diferentes regiões do país. A maioria em condição de pobreza. O próprio trabalho da entidade sobre alfabetização atesta que a questão do letramento é um problema a mais a ser enfrentado. Diante desses fatores, o grande desafio é fazer um

⁴ Demonstrações Contábeis e Financeiras da Pastoral da Criança disponíveis no site www.pastoraldacrianca.com.br:

Fontes de Recursos Financeiros entre 01/10/2006 a 30/09/2007	
Ministério da Saúde	R\$ 20.048.213,00
Doação Cartão HSBC Solidariedade	R\$ 3.728.956,00
Criança Esperança	R\$ 2.719.197,00
Doações de Companhias de Energia	R\$ 2.354.740,00
Parcerias Estados/Municípios	R\$ 2.160.213,00
Resultado Financeiro das Aplicações	R\$ 1.895.244,00
Doações Setores e Estados	R\$ 1.115.320,00
Doações em nível nacional	R\$ 881.692,00
Ministério do Desenvolvimento	R\$ 800.220,00
Gol Linhas Aéreas	R\$ 541.667,00
Sebrae	R\$ 530.958,00
Gerdau Aços	R\$ 500.000,00
Ministério da Educação	R\$ 428.691,00
Total de recursos financeiros	R\$ 37.705.111,00

⁵ Dados atuais informam que a Pastoral da Criança está presente em 4.063 municípios.



jornal que seja capaz de informar todas essas pessoas. Para tanto, é preciso que ele seja tenha um texto acessível, que possa ser compreendido por leitores pouco proficientes.

Segundo o site da Pastoral da Criança, o *Jornal Pastoral da Criança* é mensal desde setembro de 2003 (antes era bimestral) e existe há mais de 15 anos. Ele é destinado aos líderes da Pastoral, às comunidades acompanhadas por ela e aos parceiros da entidade. Além disso, pode ser totalmente visualizado pela Internet. Até setembro de 2007, a publicação contava com 16 páginas. Utilizaremos para análise as edições de outubro (nº 132) e de novembro (nº 133) de 2007, que contam com 24 páginas cada. A tiragem é de 280 mil exemplares.

Observando-se as publicações, percebe-se que o *Jornal Pastoral da Criança* concentra seu espaço para mostrar os acontecimentos da comunidade. Essa é a seção *Comunidades*, que tanto em outubro quanto novembro ocupou 12 páginas. São diversas notícias locais mandadas pelas próprias comunidades atendidas pela Pastoral. Nesse sentido, podemos ver a presença de características de uma Comunicação Popular⁶. Já a seção *Aprendendo Mais* contou com seis páginas. Esse espaço traz textos com temas relacionados à cidadania, direitos e saúde. Essas duas seções são as de maiores destaque no jornal. Há outras seções como *Palavra do Pastor*, escrita por algum bispo e *Conversando com você*, pela coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Zilda Arns.

Em pesquisa realizada por FAXINA (2001), verificou-se que os leitores, na maioria das vezes, procuram matérias que falem das comunidades: “Eles procuram no jornal aquilo que reflete o próprio trabalho deles, seja para tomar como experiência ou para sua própria motivação pessoal”. Outra verificação sobre a Pastoral da Criança foi que é constante a reclamação nas reuniões comunitárias da falta de notícias próprias no jornal. “Cada lugar entende que sua região é prejudicada em função da outra” (FAXINA, 2001, p. 218). Também há aqueles que preferem notícias que falem sobre a expansão da entidade, o que dá um significado global ao trabalho local. Os artigos de

⁶ A Comunicação Popular nasce dentro dos movimentos populares ainda na década de 70 e 80. PERUZZO (1998:119) classifica, essa comunicação dos movimentos sociais como “popular-alternativa”. É a comunicação na luta por melhores condições de existência para o povo mediante movimentos de base organizados. Essa corrente se posiciona de dois modos diferentes. Uma surgida em 80 que concebe a comunicação popular como libertadora e crítica, capaz de levar à transformação social através de conteúdos críticos e reivindicatórios, colocada em antagonismo à comunicação de massa, denominada como “populista esquerdizante”. A outra vertente aparece no início dos anos 90 e tem uma posição mais dialética e flexível, já que acredita que a comunicação popular pode contribuir para a democratização dos meios de comunicação e da sociedade. Ela percebe que não consegue levar a uma transformação imediata devido às limitações, contradições e sua inserção na grande diversidade cultural. Além disso, não se contrapõe à comunicação de massa. Essas duas linhas de pensamento coexistem. A autora ainda complementa que a “comunicação popular alternativa” é uma realização da sociedade civil que se constitui historicamente, podendo sofrer transformações e ocupar novos espaços e tecnologias de informação como rádio, TV e Internet. Podemos classificar a comunicação da Pastoral como essa mais dialética que se dissemina nos anos 90.



Zilda Arns, que saem no jornal, também são lidos por todos os entrevistados do pesquisador. Já as matérias negativas são as que eles menos gostam de ler. Por outro lado, gostariam também de ver mais matérias que ajudassem em sua ação.

2. Líderes: Público Leitor

O número de voluntários da entidade cresce rapidamente. COELHO (2003) afirmava que naquele ano a Pastoral contava com 155 mil voluntários, dos quais cerca de 122 mil moravam em favelas e palafitas. Outro dado importante, pois mostra que a maioria das pessoas que atuam na Pastoral vive em condição de pobreza. São essas pessoas que lerão o jornal da entidade, buscando informações que as ajudem a orientar as famílias visitadas. Muitas delas poderão ter dificuldades de leitura ou nem ao menos saber ler. Isso nos permite avaliar que entre as líderes haverá leitores pouco proficientes.

O INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) nos dá uma idéia de como são os leitores no Brasil e as dificuldades que eles apresentam. A pesquisa analisa os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos de idade. Assim, avaliam-se habilidades em leitura/escrita (letramento) e em matemática (numeramento).

Os dados do relatório do INAF mostram quase 4 milhões de brasileiros analfabetos em relação à habilidade de letramento e escrita. Além disso, 68% daqueles que estudaram até a quarta série conseguem alcançar o grau rudimentar de alfabetismo (20,8 milhões). Apenas $\frac{1}{4}$ dos que estudaram da 5ª a 8ª série (7,7 milhões) pode ser considerado plenamente alfabetizado. Mesmo os que completaram o ensino médio, cerca de 50 milhões, apenas 56% têm domínio pleno de habilidades de leitura e escrita.

Essas constatações são importantes para entendermos as dificuldades de leitura da população brasileira. Provavelmente, entre os mais de 260 mil voluntários da Pastoral da Criança, haja essas mesmas dificuldades. Por isso, ao se escrever um material para esse público deve-se procurar facilitar a leitura, principalmente, diante da possibilidade de leitores pouco proficientes fazerem parte desse universo.

O estudo ainda apontou que os resultados, muitas vezes, parecem reproduzir as estruturas sociais e questões históricas para o desenvolvimento de habilidades em letramento e numeramento e para as diferenças de oportunidade em relação à escolaridade. A região Nordeste traz os piores resultados e a Sul, os melhores. Na comparação capital versus interior, os índices das capitais são melhores. E há diferenças em relação ao centro e periferias das grandes cidades como ocorre no Sudeste.

Todos esses aspectos devem ser pensados ao se tentar criar um perfil das líderes da Pastoral da Criança. Afinal, a Pastoral atua nos locais mais pobres do país, onde há



maiores problemas em relação à desnutrição infantil. Como moradoras desses locais, seja no campo ou na cidade, no centro ou na periferia, as líderes vivem essa realidade em relação ao letramento.

A partir desse cenário, fica clara a necessidade de que o *Jornal Pastoral da Criança* se preocupe em escrever para os leitores pouco proficientes. Nesse sentido, KATO (1985), KLEIMAN (1989) e ASSUMPÇÃO e BOCCHINI (2006) trazem recomendações fundamentais para se construir um texto acessível.

KATO (1985) mostra como se desenvolvem os processos das leituras em diferentes casos. São informações que podem nos guiar a escrever textos mais compreensíveis para leitores pouco proficientes. Por exemplo, a precisão da leitura de uma palavra depende da frequência com que o leitor foi exposto a ela, ou seja, o registro no léxico visual. Isso nos mostra que para escrever para leitores pouco proficientes, precisamos utilizar palavras que façam parte do seu repertório. Assim, a leitura será facilitada.

Para um leitor iniciante, porém, cujo vocabulário visual ainda é muito limitado (...), o processo de leitura envolve muito pouco reconhecimento visual instantâneo, consistindo a leitura, mais frequentemente, em operações de análise e síntese, sendo a apreensão do significado mediada quase sempre pela decodificação em palavras auditivamente familiares. (KATO, 1985, p. 26)

Observando o *Jornal Pastoral da Criança*, percebe-se que na Sessão *Comunidades* é mais recorrente um vocabulário com palavras de uso cotidiano. Até mesmo porque essa parte do jornal traz as notícias mandadas pelas comunidades. Dessa forma, apresentam-se acontecimentos que muitas vezes são parecidos com o que ocorre em diversos lugares. São relatadas atividades de capacitação, parceria, depoimentos de recuperação de crianças desnutridas, informações sobre troca de coordenações.

Mesmo assim, podem aparecer palavras que necessitariam de uma explicação para facilitar a compreensão da leitura. A seção *Comunidades* da edição de outubro traz um texto na página 5 sobre capacitação no Piauí através de uma parceria. Na matéria, aparece a palavra hanseníase e não se explica o que é a doença. Apesar da hanseníase ser um tema já tratado em edições anteriores, seria interessante que houvesse uma pequena explicação do que se trata a doença. Algo que reativasse a memória do leitor.

Na sessão *Palavra do Pastor*, da edição de outubro, aparecem palavras que



podem não fazerem parte do léxico visual do leitor. É o caso da palavra “etnia” – “Tantos cristãos sabem tudo a respeito da etnia cigana, mas continuam longe desse povo...”. No mesmo texto, fala-se do Conselho Pontifício sem explicar o que ele é.

KATO (1985) nos leva a refletir sobre as limitações dos leitores pouco proficientes. Eles não terão uma grande habilidade para antecipar itens não vistos, pois têm conhecimento limitado. Da mesma forma, não será possível utilizar regras complexas. Para facilitar a leitura, o ideal é utilizar formas mais simples.

Para fazer uma comunicação popular efetiva, é preciso levar em conta o repertório do leitor. Nesse sentido, Paulo Freire ao falar de educação nos dá instrumentos que devem ser levados em conta na comunicação. Um deles é de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). A comunicação da Pastoral da Criança deve ter essa perspectiva na produção do jornal. Ao informar, ele deve também educar. Para isso, precisa considerar os saberes dos leitores e possibilitar que eles se tornem sujeitos de ação.

(...) embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e incomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam não se reduzem a condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina não aprender. (FREIRE, 1996, p. 23)

Da mesma forma em que não há docência sem discência, não há comunicação sem um receptor. No caso do *Jornal Pastoral da Criança*, não haverá comunicação se o líder não ler o jornal e tirar dele significados. Para que isso aconteça, é preciso que se leve em conta o saber do leitor. O jornalista que considera esse saber não só facilita a leitura como também aprende ao entrar em contato com o universo do leitor.

KAPLÚN (1998:65) traz essas perspectivas ao falar da comunicação educativa. Ele explica que o canadense Jean Cloutier criou um termo novo (emirecs) para designar um amálgama entre emissor e receptor. Assim, toda pessoa participaria do processo de comunicação atuando alternativamente como emissor e receptor.



O autor propõe a necessidade da prealimentação no processo comunicativo. Ela se daria através do contato inicial com os destinatários da comunicação para que eles representem e reflitam sobre a mensagem. A comunicação começaria com os destinatários, que mostrariam suas aspirações. Essas seriam formuladas em um meio de comunicação e chegariam novamente aos destinatários. De certa forma, vemos isso na seção *Comunidades* do *Jornal Pastoral da Criança*, pois as informações vêm das próprias comunidades.

A função do comunicador em um processo assim concebido já não é a que se entende por fonte emissora. Já não consistir em transmitir somente suas próprias idéias. Sua principal prática é recolher experiências dos destinatários, selecioná-las, ordená-las e organizá-las e, assim estruturadas, devolvê-las, de tal modo que eles possam se conscientizar, analisá-las e refleti-las. (KAPLÚN, 1998, p.79)

KAPLÚN ainda explica que quando a mensagem é difundida o sujeito coletivo se reconhecerá nela. A identificação ocorre ainda que não tenham participado diretamente da produção ou que sejam outros atores. É o que acontece com *Comunidades*, os líderes se vêem nos relatos, mesmo que seja a história de outro líder, pois ela traz em si semelhanças com todas as comunidades. O receptor é de alguma maneira co-autor da mensagem e começa a se fazer “emirec”.

Para o autor, é importante que a equipe de comunicadores procure desenvolver esse processo de forma que a comunidade possa ter uma perspectiva crítica. Os acontecimentos devem ser problematizados para gerar reflexão. Essa parte do processo parece não ser sempre contemplada no *Jornal Pastoral da Criança*. Muitas vezes a seção se limita a relatar fatos.

Por outro lado, a formação desses leitores também é importante. Não só através da comunicação, mas também de ações educativas. Isso acontece através dos cursos de alfabetização realizado pela Pastoral da Criança, que utiliza a metodologia de Paulo Freire.

3. Construindo um Texto Acessível no *Jornal Pastoral da Criança*

Outro autor que nos dá subsídios para facilitar a compreensão do leitor é PERINI (2007). Ele aponta que o texto informativo requer “a construção de uma paisagem mental baseada nas informações do próprio texto”. Esse processo conta com inferências baseadas nessas informações e segue operações lógicas, além de expectativas de alta



probabilidade. Ele também destaca a importância dos conhecimentos pré-existentes. Há uma participação ativa do leitor.

Novamente voltamos à importância de se considerar o repertório do leitor. Trazendo isso para questão do texto acessível, o texto deverá apresentar conceitos que fazem parte do referencial do leitor ou explicá-los quando o leitor não possuir esses referenciais.

O conhecimento prévio também é trabalhado por KLEIMAN (2007, p. 10). Ela nos mostra que a leitura é um processo interativo: “a leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”.

Esse processo consiste na interação de diversos conhecimentos: lingüístico, textual, de mundo. Devemos nos preocupar com o conhecimento do leitor para que o texto possa ser compreendido. O texto deve utilizar palavras do universo desses leitores. Temas que tenham a ver com a realidade dessas pessoas também facilitarão o processo de compreensão. Assim como estruturas textuais simplificadas.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2007, p. 13)

Segundo KLEIMAN (2007), o conhecimento lingüístico possibilitará o processamento do texto. A percepção das palavras e seus agrupamentos formando significados levarão a compreensão. Em relação ao conhecimento textual do leitor, quanto mais ele conhecer as estruturas textuais, mais fácil será a compreensão do texto. Por isso é importante que a Pastoral da Criança incentive a leitura em suas capacitações. Também seria interessante debates entre as líderes sobre a compreensão dos textos informativos do jornal. Levar em conta os apontamentos da autora - conhecimento



prévio, de mundo, lingüístico - na hora de redigir e editar o jornal seria uma forma de dar outros subsídios para a compreensão.

KLEIMAN ainda chama atenção para a importância dos esquemas, que determinam nossas expectativas sobre as coisas. Esquemas comuns entre interlocutores também facilitam a compreensão seja em uma conversa ou em uma leitura. Por isso, é importante que o conhecimento seja compartilhado e que as pessoas tenham uma base comum para a compreensão. Através de conhecimentos prévios, os leitores podem fazer as inferências necessárias para a compreensão.

O *Jornal Pastoral da Criança* consegue fazer isso na escolha dos temas abordados. A seção *Comunidades*, por exemplo, fala das ações que acontecem em diferentes locais da Pastoral. Isso traz um referencial comum. A sessão *Aprendendo Mais* tem êxito ao pegar temas de saúde e direitos, tratando-os de forma explicativa. Há uma preocupação em explicar o que não faz parte do conhecimento prévio do leitor.

Na edição de novembro, por exemplo, há um texto sobre a doença de chagas na sessão *Aprendendo Mais* (p. 21). O texto procura usar termos científicos e explicá-los. Ainda alia isso ao uso de termos populares: “É uma doença causada por um parasita chamado *Trypanossoma cruzi*, que fica hospedado dentro do ‘bicho barbeiro’, ‘procotó’, ‘chupança’, ‘percevejo do mato’ ou ‘gaudércio’.”

Outros aspectos trazidos por KLEIMAN nos ajudam a escrever textos acessíveis. São pontos que deveriam ser melhores observados nos textos do *Jornal Pastoral da Criança*.

Por exemplo, na leitura de um jornal, já na primeira página o leitor faz uso de mecanismos para a apreensão rápida de informação visual dando uma mera passada de olhos, (processo este chamado de “scanning” ou avistada) geralmente a fim de depreender o tema dos diversos itens a partir das manchetes. Uma vez localizada uma notícia de interesse, é provável que o artigo seja lido procurando detalhes sobre o assunto, comparando o que já se sabe sobre o assunto. (KLEIMAN, 2007:33-34)

Os autores devem contribuir para uma leitura com objetivos definidos, oferecendo elementos que facilitem a compreensão. São títulos, subtítulos, datas, fontes, ilustrações que contribuirão para a leitura e formulação de hipóteses pelos leitores.



KLEIMAN ainda fala das estratégias de processamento do texto. A coesão é uma delas assim como o uso de laços coesivos. São pistas que contribuem para a construção do significado pelo leitor. O autor pode usar a regra da recorrência. São repetições, substituições, pronominalização, uso de dêiticos e de frases definidas.

O princípio da parcimônia citado por KLEIMAN é outro aspecto que deve ser considerado ao se escrever um texto. Trata-se de um princípio de economia, no qual o leitor tende a reduzir ao mínimo o número de personagens, objetos e eventos do texto. Os textos devem trazer marcas que facilitam essa redução. Sejam através da regra da recorrência, do uso de poucos personagens, de frases curtas, textos em blocos.

A regra da continuidade faz com que o leitor saiba que uma palavra está substituindo outra para falar do mesmo assunto. Outro princípio citado por KLEIMAN como parte das estratégias cognitivas é o da canonicidade. Ele agrupa nossas expectativas sobre a ordem natural das coisas. Por exemplo, a causa antecede o efeito.

A autora ainda fala da importância da regra da linearidade para se facilitar a compreensão. Assim, pode-se escrever o texto em uma ordem seqüencial, direta. Ainda devem ser considerados o princípio da relevância e a regra da não contradição, para que encontremos as informações mais importantes no texto e para que elas não sejam conflitantes.

Nos textos do *Jornal Pastoral da Criança*, muitos desses aspectos não são levados em conta. Os textos da seção *Comunidades*, muitas vezes, apresentam frases muito longas e parágrafos imensos, como se vê no exemplo a seguir, retirado da página 5 da edição de novembro:

Isso só tem sido possível graças ao trabalho conjunto de todos que atuam na Pastoral da Criança, especialmente através das seguintes atividades: a formação contínua tem contribuído para que os agentes da Pastoral da Criança (líder, coordenadores e apoios) sintam-se cada vez mais preparados para assumir a missão; a grande importância do acompanhamento das ações, valorizando muito as Reuniões de Avaliação e Reflexão; a visita realizada pelo Coordenador de Ramo a Comunidade, animando as lideranças; o planejamento e a execução das atividades em busca de cumprir as metas; grande parceria com a ASPP – Ação Social Paroquial Palmares, através do Pe. Ângelo Vicenti; a comunhão com o Pároco; a articulação com o poder executivo, através das secretarias de Saúde, Educação e Assistência Social; a importância do Coordenador de Área que descentraliza as atividades do Coordenador do Setor, que fica mais livre para



animar os Ramos; capacitadores comprometidos e animados, desempenhando sua missão com muito amor e dedicação.

A edição deveria guiar-se pelo princípio da parcimônia. A oração acima tem 154 palavras, uma sigla e uma abreviação. É a segunda frase de um parágrafo que conta com cinco frases. Isso em um texto de dois parágrafos. Ela deveria ser reescrita e o parágrafo como um todo dividido para facilitar a leitura. Apesar de ser iniciada por um dêitico – isso, o jornal erra ao trazer uma oração tão grande. O uso de dêiticos, substituições, pronomes e enumerações em tópicos permitiriam frases mais curtas, mais parágrafos e um texto mais compreensível. ASSUMPÇÃO e BOCCHINI sugerem frases de até 22 palavras em textos informativos.

A compreensão rápida do que se lê depende da leitura rápida. Para compreender a frase inteira, é preciso manter na memória o trecho já lido. O fato é que a memória imediata tem limite. Ela funciona como um reservatório com pouco espaço: tudo o que entra tem pouco tempo de permanência. As primeiras palavras entram na memória imediata e ficam ali um pouquinho. Se a leitura não for rápida, para completar logo o sentido, a informação parcial evapora-se. (...) Os períodos longos e complicados podem ser considerados ilegíveis, porque quem lê, quando chega ao ponto final, já não se lembra do começo. O leitor tem de reler o trecho que se evaporou para poder compreender o restante. (ASSUMPÇÃO e BOCCHINI, 2006, p. 27-28)

O segundo parágrafo do texto exemplificado anteriormente conta com duas frases curtas. Ele é bem mais fácil de ser lido:

Um dos pontos prioritários de nosso trabalho é a atenção especial às crianças menores de 1 ano de idade, principalmente nas visitas domiciliares. Recebemos também grande apoio do bispo Diocesano, sempre conscientizando o clero da importância da Pastoral da Criança.

Outros textos nas duas edições apresentam parágrafos longos e orações com muitas palavras. Esse problema é mais freqüente na seção *Comunidade*. Não se segue, assim, os facilitadores indicados por KLEIMAN. Os títulos também deveriam ser melhores trabalhados.



Para ASSUMPÇÃO e BOCCHINI (2006), um bom título é aquele que facilita a leitura. Ele funciona como uma lanterna que iluminará nossa memória. Permite assim que reativemos conhecimentos prévios para compreender o texto. Devem informar o leitor sobre o assunto do texto, temas e subtemas abordados.

No *Jornal Pastoral da Criança*, os títulos nem sempre servem como guias e facilitadores da leitura. O problema, novamente, é maior na seção *Comunidades*. Muitas vezes o título não dá ao leitor uma real dimensão do texto.

O texto acima, que utilizamos como exemplo, traz como título: “Acompanhamento das crianças”, quando na verdade fala de ações variadas desenvolvidas na comunidade.

Muitos títulos trazem apenas uma palavra, que não acrescenta em informação. Na mesma página 5 da edição de novembro, temos dois exemplos. Os títulos “Alegria” e “Assembléia”. O primeiro é de um texto que fala sobre a Celebração da Vida em uma comunidade pela primeira vez. O título não nos permite identificar que se falará da festa para se pesar as crianças. Da mesma forma, o outro texto fala sobre a eleição de uma nova coordenadora, o que não fica claro com o título “Assembléia”.

O ideal seriam títulos que cumprissem a função facilitadora sugerida por KLEIMAN e ASSUMPÇÃO & BOCCHINI. Ao invés de título, essas palavras poderiam ser um antetítulo, seguido de um título mais explicativo abaixo. Outra opção seria o uso de “olho” (subtítulo). Ou ainda um título que representasse melhor o texto, como acontece com outra matéria da mesma página: “Crianças recuperadas”. O texto fala da recuperação de duas crianças desnutridas.

A edição de outubro apresenta casos semelhantes. São títulos como “Eleição” e “Assembléia” para falar da eleição de coordenadores. Poderia se especificar no próprio título de que eleição ou assembléia se trata. Os títulos também não trazem informações objetivas como vemos na página 7 da edição de outubro: “Esperança” e “Perseverança e fé”. O primeiro para falar de uma capacitação. O segundo sobre a recuperação de uma criança desnutrida. Também há casos de parágrafos grandes.

Outra seção do jornal muito vista é a “Conversando com Você”, coluna da coordenadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns. Escrita como se fosse uma carta, em primeira pessoa, o texto não possui título. Inicia-se com “querido (a) líder – querido (a) coordenador (a)”. O lado positivo dessa opção é haver uma maior aproximação com o leitor. O ritmo de conversa do texto também facilita a aproximação. Mas o uso de um



título que fizesse uma chamada para o texto facilitaria a leitura. Isso não impediria o uso do formato carta. Poderia ser usado abaixo do nome da seção.

O uso de janelas na diagramação é uma forma utilizada para chamar a atenção do leitor para aspectos do texto. É um recurso utilizado em ambas as edições. O problema das orações longas não acontece nessa seção. Na edição de outubro, por exemplo, a forma em tópicos, adotada em uma parte do texto facilita a leitura. Abaixo, a solução usada na coluna de Zilda Arns:

Para poder melhor ajudar esse povo tão necessitado, a Pastoral da Criança precisa **VER**:

- quantos são os ciganos e em que regiões de Paróquias e Dioceses costumam fazer seus acampamentos;
- quais são suas principais necessidades;
- o que a Pastoral da Criança pode fazer por eles;
- qual a melhor forma para chegar a bons resultados.

Para manter o ritmo de conversa, Zilda utiliza nos textos frases como “concorda comigo?”, “está certo”. Também fala de histórias pessoais, relacionadas com as informações que passa. Nessa edição de outubro, o texto trata da necessidade da pastoral atuar junto com os ciganos. Assim, a coordenadora relembra os contatos que teve com ciganos na infância e ao mesmo tempo dá informações sobre os problemas que eles enfrentam atualmente. A mesma estrutura de carta é usada na edição de novembro. Após discorrer sobre a atuação da líder, fala da questão da saúde. Traz informações importantes, mantendo o tom de diálogo:

Outro assunto importante, que me preocupa, é o seguinte: estão aumentando os casos de Doenças de Chagas no Brasil. O bicho barbeiro, que transmite a doença, gosta de esconder-se durante o dia, em casas de barro e no lixo. Por isso, é importante cuidar da higiene e que o governo faça a pulverização de nossas casas e arredores.

Outro exemplo positivo de texto acessível encontrado no jornal são os textos que falam de doenças, na seção *Aprendendo Mais*. Escrito de forma didática, são feitos em forma de pergunta e resposta. As perguntas funcionam como títulos que guiarão as respostas. Também há o uso de frases curtas, de tópicos, textos em blocos. São divisões



para se falar do que é a doença, de como se pega, como se trata, como se previne. Vários recursos combinados que facilitam a leitura.

Palavras de uso popular também são usadas ao lado dos termos científicos para se falar da doença. Em novembro, fala-se da sífilis e se explica que ela pode ser conhecida como cancro duro, doença do mundo e lues. Já em outubro, ao se retratar a malária se falam os nomes populares do mosquito que transmite a doença: “muriçosa, sovela, carapanã, mosquito prego e pernilongo”. Mas nem sempre se opta pela palavra de uso mais comum. Na edição de outubro, usa-se a frase “como se pega”. Já em novembro, “como uma pessoa adquire a sífilis”. O ideal seria sempre optar por palavras mais usadas, já que se trata de um meio de comunicação popular.

ASSUMPÇÃO e BOCCHINI (2006) apresentam várias recomendações para se escrever bem um texto. Uma das indicações é sempre optar por palavras mais conhecidas e familiares. As siglas também devem ser explicadas. As frases curtas e a ordem direta também são recomendadas pelas autoras. As intercalações devem ser evitadas. Enumerações longas, cheias de vírgulas e ponto-e-vírgulas devem ser reescritas. Uma sugestão é utilizar tópicos.

4. Considerações Finais

Percebe-se que o *Jornal Pastoral da Criança* apresenta limitações que precisam ser superadas para se construir um texto acessível. Vemos exemplos positivos como a coluna de Zilda Arns e alguns textos da seção *Aprendendo Mais*. Às vezes aparece a preocupação em usar palavras populares, visando a compreensão do texto, principalmente, dos que falam de saúde. Mas ainda há problemas.

O enfoque deve ser, principalmente, na seção *Comunidades*. É recorrente o uso de frases e parágrafos muito longos. Os títulos não cumprem a função de apresentar pontos de destaque do texto. Não são usados recursos como antetítulo ou olho.

As informações desses textos são enviadas pelas próprias comunidades, o que é extremamente positivo considerando a necessidade de uma comunicação popular. Também é importante a partir da perspectiva educadora da comunicação trabalhada por KAPLÚN. Mas é necessário um melhor trabalho de edição para que esses textos das comunidades se tornem acessíveis.

As líderes são o maior público leitor do jornal. Elas vivem nos locais que a Pastoral da Criança atua, que se caracterizam por serem lugares pobres. Considerando-se a questão econômica e geográfica, podemos acreditar que existam líderes com dificuldades de leitura, o que é mostrado pelo resultado do INAF.



Cabe, assim, ao *Jornal Pastoral da Criança* utilizar todas as ferramentas disponíveis para facilitar a leitura de suas líderes. Só assim, ela fará uma comunicação popular efetiva. É preciso ir em busca do texto acessível para que as voluntárias possam utilizar as informações, principalmente, em relação a direitos e saúde na sua ação pastoral.

Referências Bibliográficas

BOCCHINI, M. O. e ASSUMPÇÃO, M. H. O. O.. **Para escrever bem**. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2006.

COELHO, M. A.. **Lições da Pastoral da Criança: entrevista com Zilda Arns Neumann**. *Estud. av.* [online]. maio/ago. 2003, vol.17, no.48 [citado 27 Maio 2005], p.63-75. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000200006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-4014.

FAXINA, E. **Participação e Subjetividade em Movimentos Sociais: um estudo de caso sobre as práticas culturais contemporâneas como espaço de construção e legitimação do ser individual e ator social**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/ECA, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional: Um balanço dos resultados de 2001 a 2005, preparado pelo Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa. Disponível na World Wide Web: http://www.ipm.org.br/download/inaf_5anos_completo.pdf

KAPLÚN, M. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Marins Fontes, 1985.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes: 1989.

PERINI, M. A. Efeito do gênero textual. In: LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, Lúcia. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo, Contexto, 2007, p. 149 a 158.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.